

**GENERAL
JOSE MARIA FRANCO FERREIRA**

Discurso proferido na Es A O, pelo Coronel ALTAIR FRANCO FERREIRA, agradecendo as homenagens prestadas naquela Escola à memória do ilustre General, seu fundador e primeiro Comandante.

Rio, Setembro 1957

Senhores.

Quanto tempo, dizer não posso, terei levado eu, para "pôr em forma por altura" e alinhar os pensamentos e as recordações que tumultuaram no meu cérebro, quando fui surpreendido com a honrosa e grata notícia de que se pretendia homenagear, nesta tradicional Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais — a Escola que eu mesmo já vi merecer o título de Escola-Padrão do Exército —, a memória do meu augusto e querido pai, o general JOSÉ MARIA FRANCO FERREIRA, seu fundador e primeiro Comandante, em 1920.

É que de vós, meu augusto e querido pai, quisera eu, sem favor nem pretensão, tanto dizer sobre a vossa ilibada vida de profissional correto e dedicado, de chefe justo e compreensivo, de amigo leal e generoso, de cidadão integro e inflexível, ...

"De sorte que Alexandre em vós se veja,
Sem à dita de Aquiles ter inveja".

(Luzíadas, Canto X — CLVI)

Favor, talvez não houvesse muito, mas a ousadia seria grande, — ponderaria o homenageado com o seu extraordinário senso de humor e modéstia —, isso de compará-lo a Alexandre, o Magno da Macedônia, o mais famoso Capitão da antiguidade que, desde muito cedo, revelou o personagem que havia de ser na História, quer pelas vitórias nos lances característicos de força e de destreza dos Jogos Olímpicos, ou na habilidade com que subjugou o indomável cavalo Bucéfalo, quer na evidência das tertúlias filosóficas entretidas com seu próprio mestre Aristóteles, a quem, por fim, conseguia embaraçar, ante a veemência de seus argumentos lógicos e infotismáveis, e também, se fôr heresia a invocação mitológica da invulnerabilidade de Aquiles, não será favor atribuí-la a quem, pela couraça moral de suas cristalinas virtudes, sempre soube manter ânimo brilhante e destemido, na rude luta pela vida.

Não, não há, meu augusto e querido pai, favor algum em comparar você, — permitindo-me tratá-lo com a intimidade com que sempre lhe tratei —, com os grandes Capitães da antiguidade e com invulneráveis seres mitológicos; o que há, seguramente de minha parte —, é a presunção de me propôr a fazê-lo, sabendo que bem parcos recursos apenas disponho, os quais, sobre serem poucos e sem a menor refugência, agitam-se angustiosa e convulsamente na confusão dos meus sentimentos de profunda emoção e da mais sensibilizada gratidão pela nimiedade da gentileza com que os dirigentes desta Escola evocam o valor de sua capacidade e a extensão de sua dedicação, fazendo-o Patrono de um de seus recém inaugurados Pavilhões, para que, na diuturnidade proveitosa desta Escola, sejam lembrados, com eviterna saudade, o seu nome e sua obra construtiva.

Há, portanto, cabal razão para que, nesta obsequiente reunião, esteja eu indeciso, perturbado, senão visivelmente entrevedido para agradecer

esta homenagem prestada à memória do meu augusto e querido pai, já porque me considere quase insignificante diante da majestosidade do evento, como porque me sinta pequeno, diante da grandeza moral e da autoridade de homenageado, cujas virtudes, desejando eu aqui exaltar, nem sei se conseguirei se quer, algumas apontar, por muitas e tão belas que elas são, constituindo problema nunca assaz bem resolvido o classificá-las e ordená-las numa sequência lógica e razoável, para dizê-las com a força das expressões devidas.

Não fôra esta simplicidade característica de todas as solenidades militares, simplicidade que, no multicolorido dos embandeiramentos festivos, na marcialidade das clarinadas e no silêncio expressivo das continências, revela sinceridade; simplicidade e sinceridade que eram tão de agrado do homenageado, eu, certamente, não teria vencido a inércia do meu raciocínio, embotado no atordoamento do mundo de coisas bonitas que devia dizer, mas que minha fraca loquela me inibia de fazê-lo, a menos que o fizesse — como pretendo fazer, na linguagem muito simples, porém absolutamente sincera de militar, tentando tecer alguns traços biográficos do homenageado, citando algumas passagens de sua vida exemplar, trazendo para este ambiente a mesma intimidade com que o homenageado sabia envolver seus amigos, mercê de sua extrema bondade e lhaneza de trato que a dureza de seus traços fisionômicos e a energia vital do seu olhar penetrante não permitiam adivinhar e, por vezes, nem se quer, entrever. E com que grado, com que satisfação receteria o homenageado este magnífico preito de amizade e de consideração, neste ambiente simples de caserna e de soldados, e nesta intimidade de alojamento, se a inexorável tescura de Átropos, a mais velha, a mais menlacólica, e mais atenta e a mais fatal das três Parcas não houvesse, há onze anos atrás, tão abrupta e subitâneamente, cortado o áureo fio de sua bondosa e feliz existência.

A bondade dos auditores e uma voz que ouço do profundo recesso do meu coração, são motivos de coragem para prosseguir na minha arenga. A voz suave que ouço, é a recordação dos meus seis anos (quase meio século decorrido), quando então, exercia a minha ditadura de filho único, (pois que aos meu três irmãos mais moços, Deus houve por bem chamar para junto de Si, em recompletamento de Seus coros Seráficos), tendo entendido, numa evidente manifestação de tendência vocacional, que, diariamente, devia submeter a inspeção de meu pai, uma espada de ferro, com bainha de latão, presente da Papai Noel dado tempos antes. Para isso, quando eu pressentia a hora de sua chegada do quartel, eu me "equipava e armava" e, quando ele passava, eu lhe apresentava armas, beijando o cópo da espada — como ele me ensinou que faziam os Cavaleiros da Idade Média —, e então, com a paciência que só os pais sabem ter, ele não só corrigia os defeitos da minha posição de sentido, como recriminava e apontava as sujidades da "arma", e, porque, certa vez eu a tivesse lixado, para me livrar de uma ferrugem pertinaz, ele deu-em um pedaço de couro, uma pontinha de tijolo de arear (com ligeiro protesto de minha mãe) e um tôco de vela, dizendo-me: "soldado, não se passa lixa no armamento, quando você o limpar, use isto ..." A espada? (não desejo obrigar quem quer que seja, a acreditar), ficou razoavelmente bela, mas ... dez anos depois, na Escola Militar, meu fuzil de primeiranista e minha espada de cadete de Cavalaria, fizeram verdadeiro sucesso ...; eu havia aprendido, desde muito cedo, como limpá-los, como cuidá-los e, sobretudo a ser persistente, pois reconheço que só à custa de muito trabalho e muita paciência se consegue,

no aço, com um simples pedaço de couro surrado com espermacete, uma limpeza que resiste até à ação imediata da chuva e um rebrilho de níquel polido.

Anos mais tarde, esperava-se, no Brasil, a Missão Militar Francesa que devia chegar num grande paquete de luxo da "Societé de Transports Maritimes", e eu era aluno do último ano do Colégio Militar, quando meu pai me chamou e me disse: "Você, que fala francês, vai à bordo, na lancha de bagagem, para receber as malas dos Oficiais e dar-lhes o destino conveniente, porque o sargento encarregado certamente não os entenderá". De fato, nessa época, eu já era "Bacharel em Francês" e, por gôsto, continuava estudando o idioma, com meu avô, professor de línguas. Senti, naquela momento, que meu pai, confiante na minha aplicação e no zêlo que já demonstrara das minhas coisas de estudante, submetia-me a uma prova, à qual eu não podia e nem devia falhar, para não comprometê-lo. E, felizmente, não falhei. Num francês arrevezado e aportuguesado, consegui juntar a copiosa bagagem, inclusive a do eminentíssimo General GAMELIN, tomá-lhes e dei-lhes os convenientes destinos e, horas depois, cada qual recebia no seu Hotel ou Pensão de hospedagem, os volumes que lhes pertenciam, sem reclamações nem faltas. Eu, tive a feliz oportunidade de conhecer demoradamente, uma das grandes cidades flutuantes da época, o "SS LUTETIA", de quatro canos ... e, até hoje me surpreende o desembarço com que me desincumbi das funções de "cicerone" para algumas famílias de oficiais que viajaram no sobredito lanchão, curiosas das belezas da nossa inigualável Guanabara, vestida com sua característica roupagem tropical. No fim do mês, recebi em dôbro, a minha mesada de vinte mil reis, mas por toda minha vida me orgulhei e me orgulho do êxito dessa minha primeira missão, feliz por haver correspondido à confiança que meu pai depositara em mim, seu filho dileto.

Fato igualmente interessante, ocorreu com um bom e esforçado sargento do regimento com que meu pai servia. Queria o sargento que meu pai lhe ensinasse uns rudimentos de matemática, posto que desejava progredir na carreira, e sentia que sózinho não podia esclarecer as muitas dúvidas que se lhe deparavam. Em realidade, o postulante nada sabia de Aritmética, e muito menos tinha método, pois por vezes pretendia abordar um problema complexo, antes de saber resolver os casos simples correlatos, e a coisa complicou-se intrinadamente, quando foram abordadas as operações de frações, com aqueles malditos denominadores heterogêneos ... Sem desanimar o estudante, meu pai lhe propôs uma rápida recapitulação e, com a objetividade que lhe era característica e com a firmeza de quem conhecia a fundo a matemática, conseguiu, em poucas semanas, fazer luz naquela cérebro confuso e mal orientado, e, em pouco tempo eram banalidades os cálculos fracionários, como foi coisa simples o exame final no Colégio Pedro II, bem como, mais tarde, o curso de Álgebra, exigido para os concursos que pretendia fazer para ingresso nas escolas de formação, de onde se saiu muito bem, chegando a General na atividade, sem jamais esquecer, diga-se com justiça, o dedicado mestre é amigo que, desinteressadamente, tanto o auxiliou nos duros dias do seu esforçado início de carreira.

De outra feita, já era o nosso homenageado general e desempenhava as complexas funções de Inspetor de Grupo de Regiões, sendo eu seu Adjunto de Ordens. Visitava o General uma das muitas Fábricas que em 1937 foram inauguradas ou remodeladas e, diante de um enorme martelo mecânico ou prensa de muitas toneladas, recentemente instalado, ouvia

atentamente as entusiásticas explanações que, sobre o engenho, fazia um operário especializado, encarregado de fazê-lo funcionar, demonstrando tudo, por fim, com uma pequena lata que, ao impacto do martelo ficou reduzida a uma lâmina de um milímetro de espessura. Mas o que o operário desejava era exaltar a precisão milimétrica daquela monstro mecânico e, então, pedindo licença, graduou a máquina para uma certa espessura, justamente a altura ~~da~~ lata, igual à anterior, e destravando o martelo, ele se despencou no seu percurso de cerca de um metro e voltou para sua posição alta, sem produzir o menor dano na latinha da experiência, e, para arrematar sua enorme confiança na máquina, lançou o seguinte cartel: "Se os senhores quizerem, podem botar a mão aí em baixo, não há perigo algum" ... Um riso amarelo foi a resposta de quase todos, menos do velho General que, com a mão no suporte dizia, com o mais "franco" de seus sorrisos: "Vamos, solta esse troço, rapaz", e porque o rapaz (de cabelos encanecidos), demorasse na execução disse-lhe ainda o General: "Você não garante que a coisa é altamente precisa?" O ruido da martelada e um "ai" do meu pai, pregararam um enorme susto aos presentes, mas meu pai com seu especial bom humor, disse com toda a calma: "a coisa é precisa, mas quando aquela tijolada desce, dá um frio na espinha ..." No carro, de volta da visita, quando lhe fizemos ver ter havido um pouco de imprudência no seu gesto, ele retrucou com veemência: "Como imprudência, se o homem disse que a máquina era altamente precisa" e, em seguida, olhando para o panorama exterior, completou: "e vocês já imaginaram como está se sentindo confiante o tal operário da máquina? ...» Nós, os moços, mudamos de assunto ...

Pois assim foi o General JOSÉ MARIA FRANCO FERREIRA, que hoje é elevado a Patrono dêste alojamento de Soldados, porque soldado ele foi, por bem dizer, a vida toda, e soldado dos mais denodados e convictos, como o reconhece esta modeirar Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, nesta homenagem tão singela quanto tocante a quem foi seu criador, seu modelador, seu impulsionador, nos dois períodos de comando que teve a honra de exercer.

Meus jovens Camaradas. O Patrono dêste alojamento nasceu em ASUMPCIÓN DEL PARAGUAY, no dia 12 de abril de 1876. Isto certamente os surpreende, mas é preciso lembrar que, no longo período de 12 de novembro de 1864 a 1º de março de 1870, sustentou o Brasil, juntamente com outros valorosos aliados, terrível guerra contra a República do Paraguai, ou, mais precisamente, contra drástico regime ditatorial e conquistador de certo Presidente, que embora valoroso, não soube sopitar seus impulsos megalômanos, antes preferindo impôr, a ferro e a fogo, seus desvãos. A guerra foi demorada e cruenta, batalhas sangrentas impuseram ao adversário, o valor do soldado brasileiro em terra ou nas águas barrentas dos rios Paraná e Paraguai, até que por fim a invicta espada de Caxias, no inesquecível ano de 1868, com suas manobras inexcedíveis, derrotou e aniquilou os exércitos Lopesguaios, ocupando a 1º de janeiro de 1869 a Capital guarani. Terminada a guerra, permaneceram em Assunção tropas brasileiras de ocupação, nelas servindo o Tenente de artilharia JOAQUIM ANTÔNIO PINHEIRO FERREIRA, gaúcho alourado e melenudo, do Jaguarão, guapo e gallardo companheiro de lutas de Floriano Peixoto, de quem era amigo e exaltado admirador das fachanhas da esquadriilha do rio Uruguai e do famoso 44º voluntários, em Avai. Escarmentado das batalhas de ferro e fogo, rendeu-se o Ten FERREIRA incondicionalmente à fôrça

misteriosa de uns olhos muito negros e muito vivos, emoldurados por longos e sedosos cachos de um cabelo lindamente negro, por sobre um palminho de rosto moreno e belo de uma graciosa menina-moça de distinta família de conhecido ourives de Assunção, a qual, por sua vez, de tanto ver render a guarda, aceitou a rendição do jovem tenente. Casaram-se pois, a paraguaiata DOLORES BIBIANA FRANCO e o tenente FERREIRA, da união resultando três filhos: — LUIZ CARLOS (1872), JOÃO RAMON (1874) e JOSÉ MARIA, o nosso homenageado de hoje, todos registrados na Repartição do Ajudante Geral do Comando das Forças de Ocupação. Terminada, em 1876 a ocupação, foi a tropa recolhida a destino, tendo sido o tenente QUINQUIM (como era chamado meu avô, na intimidade) mandado para a "Corte", seguido de sua afetuosa e encantadora esposa guarani (cujos traços fisionômicos pelas leis misteriosas do atavismo, haviam de se reproduzir em uma de minhas filhas) e seus três filhos, o louro Luizito, o índio Juan Ramon e o moreno Zé Maria, pouco tempo durando tal felicidade, pois em fins de 1880 falecia, muito jovem ainda, a senhora D. DOLORES, deixando o caçula Zé Maria com apenas quatro anos de idade.

É o momento de se começar a falar, também em respeitosa homenagem de gratidão, em dois entes muito simples que foram grandes e dedicados amigos: Nhá Chica, a escrava fôrra pela Lei, mas que aceitou submissa e prazerosamente a escravidão eterna da amizade e da dedicação pelos "meninos"; e o Prêto Barbosa, mulato de alma branca, ordenança do "Seu Quinquim", na guerra, e na paz ... porque não dizê-lo, o pagem dos "meninos", que órfãos de mãe, crescam, na lei natural das coisas, entre os dôces e mingáus gostosos de Nhá Chica, e as travessuras sempre acobertadas pelo Prêto Barbosa que, coitado, chegou a curtir cadeia, por tropelias feitas pelos travessos "meninos", como ocorreu certa vez, quando, "misteriosamente" fugiram quase todos os burros do Corpo de Bombeiros, de que "seu Quinquim" era comandante.

Os "meninos" feitos rapazes, encaminharam-se naturalmente para as partidas das trajetórias de seus destinos. LUIZ CARLOS, o primogênito que, por Lei tinha o direito de ser cadete de primeira classe, foi mandado matricular na Escola Militar; JOÃO RAMON, possivelmente o sonhador e o mais sentimental dos três, deixando-se dominar pelo ardor de uma precoce paixão dos 16 anos, preferiu tentar a vida no Comércio, para que desde cedo, pudesse efetivar seu acalentado sonho de felicidade com sua adorada Julieta, o que, entretanto, só bem mais tarde pôde realizar; o caçula ZÉ MARIA, a quem o pai queria ver engenheiro, foi mandado para a famosa Escola de Minas, em CURITIBA. Assim os foi surpreender um fatídico dia do mês de agosto de 1891, quando "Nhá Chica", ao levar o matinal mingáu de Seu QUINQUIM, o encontrou morto.

Começa ai a luta pela vida do caçula ZÉ MARIA. O súbito desaparecimento do então Major JOAQUIM ANTÔNIO provocou seu desligamento da Escola de Minas e sua, chamada para a Capital, pelos parentes mais próximos, os Barões de Lavradio, irmã e cunhado do morto. Tinha pois ZÉ MARIA quinze para dezenove anos de idade, com um físico de dezoito, segundo ele mesmo contava, meio atrazadão nos estudos e bruscos nos modos, quando a "Tia Baroneza" lhe veio consolar a morte do pai, dizendo-lhe, com algumas cédulas na mão: "Meu filho, você que é o caçula, já é um homem, pense na sua vida, pois nós não lhe poderemos manter na Escola de Minas, eis tudo quanto seu pai deixou para você ..." fazendo

menção de entregar as cédulas. ZÉ MARIA, altivo, rebelde, atrevido mesmo, como teria que ser o caçula criado no regaço de uma escrava e sob a paciência de um pagem, ambos fazendo-lhe tôdas as vontades e caprichos, respondeu com certa arrogância: "Saiba minha querida Tia Baroneza que já pensei na minha vida, não fico um momento sequer mais na sua casa ... e êsse dinheiro, queira V. Sa. gastá-lo n'algumas flores para enfeitar a campa raza em que mandou enterrar seu irmão ..."; e, em seguida, desaparecendo da casa de seus nobres parentes a quem jamais procurou, foi buscar o velho amigo, "Preto Barbosa", que tendo dado baixa, estava trabalhando, ao peso dos fardos e sacos da estiva do pôrto.

Sabia Barbosa que "Seu QUINQUIM" queria de ZÉ MARIA fazer ~~perguntas que as circunstâncias lhe impunham, e porque, tentasse~~, recriminou-lhe a conduta, mas tomou para si êsse compromisso de custear os estudos do caçula, passando a carrear dois sacos de café de cada vez, para, na estiva, ganhar dobrado, o necessário para suas despesas também dobradas, e, de madrugada, quando saia para o seu duro trabalho de doze horas de carregador, deixava no borralho, com paternal carinho, a "comidinha do caçula", e só Deus sabe se não o fazia com largas restrições de sua própria alimentação.

ZÉ MARIA, altivo, rebelde e independente não se conformava com tal vida parasitária que as ~~circunstâncias~~ lhe impunham, e porque, tentasse fazer alguma coisa mais do que empinar papagaios ou tomar trazeiras dos bondes que passavam pela rua do Sacramento, Barbosa, muito hábilmente, passou a esconder-lhe, diariamente, ora um, ora outro pé de botina, ou o casaco, ou outra qualquer peça de roupa que tornasse impossível a fuga do caçula, do bairro da Saúde, onde moravam ambos.

Duas ou três semanas foram bastante para que o irrequieto ZÉ MARIA, usando um casaco emprestado, ou quiçá, alugado, saisse certa manhã da "cabeça de porco" da Saúde e fôsse ao velho Quartel do Campo da Aclamação, hoje o suntuoso "Palácio do Exército", para sentar praça voluntária no 24º Batalhão de Infantaria, o que ocorreu no dia 25 de setembro de 1891, data em que havia de começar a brilhante carreira para que estava predestinado e da qual as circunstâncias faziam-no afastar-se involuntariamente. Dias depois, por interferência do romântico JOÃO RAMON, que, numa verdadeira prova de admirável amizade fraternal, perdeu um dia de trabalho para se entrevistar com o grande Floriano Peixoto, o amigo do Major Pinheiro Ferreira, ZÉ MARIA era mandado ser "considerado soldado particular, à disposição da Escola Militar" para onde foi transferido no ano seguinte. E o jovem de dezenas de anos, com corpo de Golias e fôrça de Hercules, passou a ser o MONTANHA da saudosa Escola Militar da Praia Vermelha, vivendo a vida de cadete pobre, repartindo seu tempo entre as delícias de uma sabatina de Álgebra ou de Geometria, assim consideradas por influxo das teorias Contistas, e as maravilhas de um fim de semana passado no alto do Pão de Açucar (que na época se escrevia com "ss"), escalado pelo lado do mar, por uma grossa corrente não se sabe por quem ali cravada, cabendo quase sempre ao MONTANHA, por seu físico e sua fôrça, carregar o garrafão de 12 litros d'água.

Batismo de fôgo nos cruentos combates da Armação; lichiguana tirada em quartos de sentinela, das 2 às 4 da madrugada, nas danificadas e sempre alvejadas muralhas do Arsenal do Calabouço (hoje o artístico Museu Histórico); integração das calouras e bisonhas equipagens da apressada es-

quadra do Almirante Jerônimo Gonçalves, guarnevida de cruzadores e torpedeiros adquiridos pelo governo do "Marechal de Ferro" para debelar a Revolta da Armada, em 93, de Custódio José de Melo e Saldanha da Gama, e que veio a terminar, no mar, a 16 de abril de 94, com o torpedeamento do capitânea, couraçado Aquidabã; e em terra, a 24 de junho do ano seguinte, com a morte do almirante Saldanha da Gama, no sangrento combate de Campo dos Osórios, no Rio Grande do Sul; tudo isso teve a presença ou a participação direta do "MONTANHA", que aos 18 anos já era comissionado, por serviços relevantes, no posto de Alferes, recebendo a segunda platina, isto é, sendo confirmado e promovido no posto, para o 7º RC, na longínqua BELA VISTA, de Mato Grosso, em 1895, aos 19 anos de idade. As boas notas até então obtidas e os bons serviços prestados à República foram os motivos para que, poucos meses depois fosse chamado à Capital, para terminar, na condição de Alferes-aluno, o seu Bacharelato e Curso d'Armas, o que fez com o brilho das mais significativas menções, tão belas que o selecionaram para adjunto da Cadeira de Álgebra, da mesma Escola, depois, bem entendido, de um ano de arregimentação no frigidíssimo DOM PEDRITO, do Rio Grande do Sul, que a Lei de Movimentação (se é que já existia) exigia.

Em junho de 1902, casou-se com D. HENRIQUETA DIAS, que hoje é pensionista do Estado, sob o nome de HENRIQUETA FERREIRA, mas que para o resto do mundo, é apenas "TATA", como a chamava o homenageado, menos para mim próprio, de quem é a "Mãe", este nome curto e significativo que, como nenhum outro, traduz o afeto e a ternura dêsse alguém bondoso e compreensivo, que para o filho, seja ele pequeno ou grande, importante ou insignificante, belo ou feio, só deseja e só comprehende um destino, o da felicidade completa. E aqui tive a Mãe, a respigar estas desataviadas linhas, acertando, com lágrimas de saudade e de ternura, datas e pormenores, com a preocupação de que eu, seu filho, não sofresse o dissabôr de uma contestação, ou a acusação de estar sendo impostor ...

Nesta altura, vós outros que tendes a bondade de me ouvir, haveis de estar pensando, com certo e justificado enfado: Arre! como está longe este camarada..., se ele ainda está no começo do século, como será longa esta arenga... E eu sou obrigado a concordar convosco, admitindo que estou abusando de vossa paciência e bondade, éro de que me retrato pedindo permissão para vos perguntar: como poderá ser breve um filho de cantando paternas virtudes de que tanto se orgulha?

Perdoai-me, prezados auditores, se vos retenho no começo do século, entretanto, como o século é o do automóvel e do avião, fácil será entreviver a esperança de um rítmico mais aceitável para percorrê-lo.

Perdoai-me, prezados auditores, atentai caros parainfados, se vos repito que o nosso homenageado, praça voluntária do 24º Batalhão de Infantaria, foi, dez, anos depois, escolhido, por efeito das belas notas conquistadas no seu Curso, para adjunto da cadeira de Álgebra e repetidor de Geometria, servindo sob as ordens do grande reformador que foi o, então General Hermes da Fonseca. Nova arregimentação e nova indicação para curso na Escola de Estado Maior da época, que se não efetivou, porque nessa altura era designado Ajudante de Campo e Comandante da Escola de S. Excia. Sr. General Manoel Rodrigues de Campos, comandante do Distrito Militar do Rio Grande do Sul, na cidade do Rio Grande. Um só inverno foi passado nas terras gaúchas, porque o alferes FRANCO FERREIRA era classificado no 9º R.C., com Quartel

na Quinta da Bôa Vista, onde hoje existem as oficinas da Prefeitura, frente ao chamado Quartel-Tipo e com essa unidade, ou para ser mais preciso, na Direção das Manobras, tomou parte nas famosas Manobras do Curato de Santa Cruz de 1908, promovidas pelo grande benemérito do Exército, o mesmo de sempre lembrado Marechal Hermes da Fonseca, a quem, no ano seguinte, se havia de dever, entre tantas outras realidades, esta majestosa Vila Militar, êste orgulho nacional, tão especialmente querida, principalmente para alguns, como êste que vos fala, que a viram nascer e crescer, de um simples estribo na linha férrea, desabrochando seus deliciosos encantos e atavios de atraente moça bonita, sua convicente experiência de senhora madura e honesta e seus sábios conselhos de provecta cinqüentenária respeitável e venerável.

Mas, apesar de tudo, alimentava o Ten FRANCO FERREIRA uma verdadeira obcessão, em sua vida. É que, como foi dito anteriormente, seu pai, já há tanto falecido, queria vê-lo engenheiro, e êsse desejo era preciso ser realizado, principalmente quando se reabria, no Realengo, a Escola de Artilharia e Engenharia, necessária para a formação de técnicos e da elite intelectual de que necessitava o novo e reorganizado Exército do esforçado Ministro Hermes da Fonseca. Matricular-se na Escola e nela fazer curso e receber diploma de doutor com distinção e louvor, parece que foi a coisa mais fácil que o nosso homenageado soube fazer dentro do seu padrão de modestia e de simplicidade, transformado em adôrno para sua querida companheira e devotada esposa, o vistoso anel de gráu da turqueza estrelada circumbrilhante entre diamantes, que outros menos modestos chegaram a usar no dedo indicativo da mão direita...

Mas o trabalho honesto e esforçado sempre tem recompensas e, por isso o alíuno distinto da Escola de Engenharia do Realengo, que também conferia o título de Oficial de Estado Maior aos seus alunos, foi chamado para participar da turma de oficiais brasileiros mandados estagiari no exército alemão, em 1910 a 1913, a convite de S.M. o Keiser WILLHELM II. Lá está o garboso Tenente, ou melhor, o "Oberleutnant Ferreira", no seu vistoso uniforme garante, a participar dos exercícios e manobras do "10º Grün-Hussards Regiment", em Stendal.

Integrando-se na férrea disciplina prussiana, competindo com os mais perfeitos subalternos da cavalaria ligeira, e, não raro, dêles se sobressaindo, mercê de sua excepcional resistência física e de sua nítida compreensão do dever, o nosso homenageado classificou-se em todos os concursos abertos para tenentes, fossem êles hípicos, de tiro, de lancear, de sabreiar, de patrulhas, de reconhecimentos, sem falar nas estilizadas caçadas á raposa, com matilhas de cães e jogo de luva e mais, mas serestas hibernais dos salões, os torneios de valsa, em que êle levava à vantagem de saber girar para ambos os lados enquanto que seus concorrentes só o faziam para a esquerda. Tão completas virtudes militares, profissionais sociais, motivaram belos êlogios que os nobres chefes de cavalaria alemã, não regatearam, sobre o "Brasilianish Oberleutnant Ferreira" tendo dito o "Oberst" — Coronel em alemão —, cuja tradução literal seria "o maior", — consôlo para nós outros cinqüentenários —, Frey-Herr von Kap-Herr, comandante daquêle regimento.

— "... Oficial de rara capacidade e de grande valor, com extraordinária facilidade compreendeu o sistema militar alemão, aprendendo com facilidade os regulamentos, a preparação individual

dos soldados, a técnica dos exercícios e a tática das manobras. A sua habilidade no montar satisfaz às mais exigentes provas, quer de caráter militar, como esportivas ou de adestramento e sua elegância na prancha de esgrima é um elemento de sucesso nesse nobre esporte dos cavaleiros. Sua conduta civil e militar tem sido irreprochável e inúmeras são as amizades que seu trato fino soube conquistar entre nós, que nos honramos de tê-lo tido no nosso convívio militar e social..."

Mato Grosso foi a guarnição que primeiro acolheu o "jovem tureo" — como eram irônicamente apelidados, por alguns derrotistas despeitados, os esforçados oficiais vindos da Europa, daquêle proveitoso estágio, pouco tempo depois, era chamado para o famoso 1º Regimento de Cavalaria, do Coronel Joaquim Inácio Cardoso, que o recebeu com a seguinte apresentação:

" — É com sincero prazer que ~~deu~~ conhecimento ao Regimento da apresentação desse oficial possuidor das mais belas qualidades, cujo preparo profissional já é por demais conhecido no Exército e que com a sua estadia no grande Exército Alemão, onde serviu arregimentado, muito mais desenvolveu os seus conhecimentos militares, indo, pois, concorrer com os seus ensinamentos para o preparo do Regimento. A presença do Ten. Franco Ferreira constitue um motivo de júbilo para o Regimento com o qual me congratulo, felicitando os senhores oficiais, que d'ora em diante, terão mais um camarada digno por todos os títulos".

E foi digno por todos os títulos. Incluído como subalterno do I Esq., do integral Cap. Balduíno do Couto Ramos, o Ten. Franco Ferreira, trabalhador incansável, amigo leal e dedicado, procurou, sem alardes, refazer as performances já conseguidas na Alemanha, impondo pelo exemplo de sua eficiência, o seu reconhecido valor pessoal e grangeando as simpatias e as amizades que tão bem soube conquistar. E lá vamos encontrar o nosso homenageado, lanceando, no velho páteo de areia do quartel da Rua Figueira de Melo, no mais desabrido galope de carga, as tampilhas de lata de graxa, que, depois de trespassadas, constituiam relíquias disputadas por soldados e sargentos. Na prancha de esgrima, era quase invencível, tanto no delicado florete, como no brutal sabre, e se esgrimia a cavalo, eram seus os prêmios das competições, não só pela certeza das cutiladas, como pela destreza com que manejava sua montada. No picadeiro, ou nas pistas da Quinta da Boa Vista, é de lembrar um enorme yermelho estrelado, calçado de negro, de nome IMBUÍ, forte com a fortaleza de que tinha o nome, voluntoso e mau como o Bucéfalo da lenda, mas que cedendo à habilidade do Ten. Franco Ferreira, tornou-se um completo e perfeito cavalo d'armas e de concurso, vencendo vários torneios, de que, para provar tanto, aguns troféus a ornamentar meu gabinete de trabalho, em minha casa, constituindo precioso legado que tanto me honra.

Promovido a Capitão, por estudos, foi por algum tempo Ajudante de Ordens do Exmo. Sr. Gen. Bento Ribeiro, Chefe do Estado Maior do Exército, com quem fez viagens e inspeções no Sul do País, voltando em seguida ao velho e querido 1º de Cavalaria, vindo a enquadra, no 2º Esquadrão de seu comando, um pugilo de "reservistas especiais", jovens de alta linhagem chamados para as grande Manobras de 1916 do

Campo dos Afonsos, e que, mais tarde na vida civil foram amigos do "Capitão batuta", no dizer da época, que tanto os empolgou pelos exemplares de vigor físico, de habilidade equestre e de eficiência profissional, comprovada esta, pelas referências dos "árbitros", quase sempre favoráveis ao "segundo" (Esq) que, das Manobras voltou "primeiro", na séria e disputadíssima classificação dos Esquadrões da inolvidável Brigada Estratégica

No dia 26 de Outubro de 1917 entrou o Brasil na primeira Grande Guerra. Havia no Brasil a Embaixada alemã no Rio de Janeiro e um vultoso Consulado em S. Paulo, com embaixadores e consules, agregados e famílias, todos com imunidades de direito internacional e que deviam ser levados a território neutro, a salvo das manifestações anti-germânicas que o povo vinha fazendo, principalmente no Rio Grande, onde em Porto Alegre, registraram-se o incêndio do respectivo consulado e da sede social de alguns clubes alemães. Para fazê-lo, foi lembrado o Cap. Franco Ferreira, então simples adjunto do Estado Maior do Exército, manejando com fluência o idioma alemão. Desnecessário dizer que o indicado se saiu muito bem do encargo, mercê das inteligentes disposições de segurança montadas com a tropa, ao longo do percurso ferroviário RIO-SANT'ANA DO LIVRAMENTO, onde, com seus ilustres prisioneiros, teve que esperar notícias do Itamarati, sobre a liberação dos brasileiros acreditados junto ao Governo alemão.

Não demorou muito u'a promoção por merecimento ao posto de Major, mas contam os contemporâneos, que nessa ocasião, ao tomarem o clássico cafésinho, os augustos senhores membros da Comissão de Promoções, acercou-se um dêles, do nosso homenageado e abrindo o Almanaque Militar entre os Capitães de Cavalaria, disse-lhe, apontando seu próprio nome: "até este Capitão, quem V. apontaria para promoção?". O nosso homenageado que não deixava escapar qualquer ocasião para dar soltas o seu extraordinário senso de humor, respondeu sem pestanejar: "uma vez promovido este (e apontou para o nome do irmão Luiz Carlos algumas unidades mais antigo), só mesmo ést'outro que Vossência apontou..." e acrescentou, sem falsa modestia: "e saiba Vossência que se entro,... saio,... e fico", e, com um largo sorriso, pediu permissão para prosseguir seu trabalho.

Os dois irmãos foram promovidos a Major no mesmo dia, e, quando interpelado por aquéle General sobre o seu "entro, saio e fico" o nosso homenageado respondeu com simplicidade: "entrei na lista, sai promovido e fiquei no Rio", pois nesta altura era ele chamado para integrar o Gabinete do Exmo Sr General ALBERTO CARDOSO DE AGUIAR, Ministro da Guerra do curto governo provisório do Presidente Delfim Moreira

O memorável 11 de novembro de 1918 fazia esquecer os quadros táticos da Guerra; os observadores militares traziam notícias de novas armas ou de armas já conhecidas, porém usadas de modo diferente. O Exército instruído e armado à moda dos regulamentos de 1908, trazidos da Alemanha pelo Marechal Hermes, precisava evoluir e pôr-se em dia nas marcianas artes. Um grande e objetivo realizador, o Ministro Calógeras, dirigia a pasta da guerra e, dentre as tantas realizações suas, estava em saliente primeira plana, o contrato da Missão Militar Francesa e, com ela, o vultoso material que a reorganização impunha, inclusive o necessário

às escolas em que se haviam de renovar os conhecimentos dos oficiais combatentes, hábeis na tática linear, ou formar as novas levas dos oficiais dos Serviços dentro dos ditames da Logística carteseanamente calculada, face ao novo vulto das operações realizadas na Grande Guerra.

Foi quando se pensou na necessidade da criação da Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais e se lembrou da habilidade e capacidade do Major FRANCO FERREIRA, para fazê-la surgir do mundo subjetivo de avisos, memorandos e decretos, na majestosa realidade de 8 de março de 1920, quando suas portas se abriram em inauguração solene, para deixar entrever um mobiliário consentâneo com as finalidades das diferentes salas de aulas e repartições funcionais, uma sala de notas onde se traduziam os originais franceses ou, pelo menos, se revisavam as impressões linotipadas dos apontamentos fornecidos, uma Secretaria, onde se viam fichas individuais não muito diferentes das que se usam hoje em dia, uma Ajudância que enquadrava um numeroso contingente de soldados, serventes e cavalariaços, encarregados da guarda dos Pavilhões, do atendimento da limpeza e conservação do próprio e do pensão da não menos numerosa cavalhada, o meio de transporte dos oficiais alunos e instrutores.

Quatro meses depois, nova promoção por merecimento premiava esforços ao Major FRANCO FERREIRA, mas o afastava do comando da Escola de sua criação que, engatinhante, se dirigia na sua promissora trajetória de glórias e de trabalho, para a realidade de sua eficiência que, provavelmente superou a expectativa.

E era verdadeiramente comovente o entusiasmo com que o nosso homenageado se referia à sigla EAO, que sempre considerou dos mais úteis e necessários organismos do Exército, não só pelos ensinamentos que nêle se hauriam, como pela obra de aproximação que realizava, com o chamamento de alunos de todos os rincões do Brasil, para o aperfeiçoamento e atualização dos conhecimentos profissionais, e como ele lamentava a irreverência de alguns que lhe repetiam o apôdo de Escola de Advinhação e Ocultismo, quando em realidade ela sempre imperou no terreno do realismo, da lógica e da justiça.

O renome do ex-professor de Álgebra da Escola Militar, do Engenheiro Militar diplomado com distinção e louvor, do oficial aperfeiçoado no grande Exército prussiano, do Capitão comandante do vitorioso Segundo Esquadrão nas Manobras de 1916, do oficial de Estado-Maior, do Oficial de Gabinete Ministerial, do oficial esportivo e social, do Chefe organizador e competente, que soube crear a maravilha da EAO, em tempo verdadeiramente assombroso, já percorria os ares da família militar, antecedendo a chegada do nosso homenageado, como um halo de esperança de novas e marcantes realizações, tal a confiança que nêle se depositava, ou sucedendo sua passagem algures, relembrando sempre com sincera saudade, o benfazêjo de suas atuações ou a benevolência de suas atitudes sempre justas, mas que jamais deixaram de ser enérgicas, quando as circunstâncias assim o exigiram. Daí por deante, tudo foi reafirmação desse renome, seja no Comando do 9º R.C. em Bagé, de 1920 a 1922, em novo Curso de Estado Maior, em 1922, na Chefia do E.M. da 3ª Região Militar, com o Exmo. S. General Eurico de Andrade Neves, de 23 a 27, nos agitados dias da rebelião Assizista e da revolução de 1924 de Prestes, no Comando dos Dragões da Independência, ou no segundo Comando de sua criação e obra prima, esta conceituada EAO.

Aqui, novo prêmio de sua excepcional capacidade e do seu renomado prestígio, com o seu ingresso no generalato ocorrido a 7 de maio de 1931. Esse terá sido um grande dia para o nosso homenageado; com 55 anos de idade, e quase 40 de serviço, recebia da Pátria, que tanto amava e que tão bem servia, os bordados de General do Exército, sendo que surpresa e prazer ainda maiores estavam reservados para esse dia. A EAO que ele creara, que vira desabrochar e crescer com o prazer de quem vê crescer e aformosear-se uma filha dileta, oferecia-lhe por seus oficiais, sargentos e funcionários, já não apenas comandados e sim amigos, a espada dourada de general. Com que carinho e com que emoção ele recebeu esta preciosa dádiva. Ressaltando o alto significado desse gesto de nimia gentileza para sua vida militar, de vez que não teve, na sua mocidade, quem lhe fizesse entrega de sua primeira espada de oficial, dizia ele, essa espada de general, dada pela menina-moça EAO, calhava na sua mente como se fôra a lembrança de sua mäesita paraguaia, de quem tão cedo a fatalidade o apartara. E um beijo discreto e silencioso na cruzeta desse magnifico símbolo, sinal de respeito e contrição, como o faziam os cavaleiros da idade média, ele sempre depositava, quando o tinha de usar. O verdadeiro significado desse gesto, a Deus pertence, porque em verdade, ele jamais o revelou, e até mesmo não lhe agradava muito, quando seu discreto gesto era percebido. Emoção igual dizia o nosso homenageado, ele só sentiu, um pouco mais tarde, quando desembainhou essa mesma espada em continência à condecoração de Grande Oficial da Ordem do Mérito Militar com que foi agraciado no último lustre de sua brilhante carreira.

Dizer da sua atuação como General, como comandante da 2ª D.C., das 3ª, 5ª e 4ª Regiões Militares ou como Inspetor de Grupo de Regiões, é coisa que a ética não aprovaria e portanto só devo dizer que, nesse quartel de sua vida ele se voltou à Religião, tornando-se católico praticante. Ele que vivera u'a meninice, por bem dizer, sem família, que de adolescente fez-se homem na Escola Militar, sob as impressões e pressões de um proselitismo de tendências contistas e decorrente de uma falsa interpretação da separação democrática da Igreja com o Estado, ocorrida com o advento da República; apesar de batizado, crismado e consagrado com o fervor das tradições jesuíticas sobreviventes na família guarani de sua mäesita, afastou-se gradualmente dos canones católicos, numa confusão de ideias fetichistas das rezas de Nhá Chica com os Salmos sabatistas do Prêto Barbosa, mas conservava, em verdadeiro sacrário do seu coração, aquele misterioso sentido da religião de sua mäesita, que ele reacendeu, já na velhice, com renovado e redobrado fervor devoto, discreto, sincero e espontâneo.

Meus jovens camaradas. Assim foi o patrono que elegestes para guardião moral de vosso alojamento. Um exemplo que pode e deve ser seguido, e se alguma fraqueza ocorrer no pensamento de algum de vós... lembrai-vos do vosso General patrono, que foi simples soldado como vós. que passou pela vicissitudes por que passam os soldados em geral, pois é sabido que a vida militar é paradoxalmente bela, nos sacrifícios e renúncias que ela sabe exigir de quem, por bem servi-la, mais e mais a e a se entrega e dela se enamora. Ele sempre foi um dedicado entusiasta de sua profissão e por isso, tornou-se um profissional correto e respeitado que honrou as fardas e distintivos que usou, mas não menos se honrava de sua origem militar, de seu pai guerreiro e de seu avô, simples soldado

de cavalaria por decreto, da Imperial Guarda de Honra de Sua Majestade Sereníssima, D. Pedro I. Ao subir, na escala hierárquica, ele soube compreender os problemas dos seus soldados e dos seus comandados, em geral, pois se ele passara por muitos deles... e, por isso, tornou-se um chefe justo e compreensivo. Vivendo sua vida calma e honradamente, cultivando o sentimento de altruismo e de bondade, grangeou amizades, quer no meio militar, como no âmbito civil, amizades que ele soube alimentar com o tempore da lealdade e da generosidade e que se perpetuam, vindo até hoje na mística suave da saudade, como se verifica nesta homenagem.

Sr. General Comandante, no meu nome e no de minha mãe, data vénia, eu digo a V. Sxcia., muito obrigado. Muito obrigado, Exmo Sr General, pela nimiedade e pelo calor desta homenagem que hoje se presta à memória do meu augusto e querido pai. — o fundador e primeiro comandante desta preciosa Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais —. Muito obrigado duas vezes, Sr. Comandante, porque está havendo evidente prodigalidade de cavalheirismo, de pompa e de gala, nesta homenagem póstuma a quem foi modesto, por origem e por temperamento.

Muito obrigado, prezados e pacientes ouvintes, a alegria de vossa presença nesta homenagem, o brilho que emprestais à solenidade destas inaugurações, dão um toque especial de saudade ao homenageado de hoje, o fundador e primeiro comandante desta casa, o General JOSÉ MARIA FRANCO FERREIRA.

Rio, Setembro de 1957

* * *